

---

## “Composição de cena e cores do curta-metragem *Hotel Chevalier*: elementos que constroem sua narrativa”<sup>1</sup>

PEREZ, Igor<sup>2</sup>

EVANGELISTA, Ulisflávio<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT.

### Resumo<sup>1</sup>

Neste artigo, analisaremos elementos que auxiliam na construção da narrativa do filme *Hotel Chevalier*, acima de tudo sua paleta de cores e componentes que se fazem presentes nas cenas, de modo a compreender de que forma tais elementos contribuem na narrativa do filme. Tendo em vista que a obra se trata de um prólogo do longa-metragem *Viagem a Darjeeling*, seu entendimento é de suma importância para inferir a melancolia de uma das personagens.

### Palavras-chave

*Hotel Chevalier*; Cores; Composição de cena; Direção de arte.

### INTRODUÇÃO

O presente texto tem como finalidade analisar alguns aspectos que contribuam com a narrativa do curta-metragem *Hotel Chevalier* (2007), de Wes Anderson, sobretudo aqueles que se referem a paleta de cores do cenário e dos elementos que compõem as cenas. As cores detêm um valor de expressividade que a torna um elemento importante na transmissão de ideias, uma linguagem individual que o homem reage por meio de influências culturais adquiridas no decorrer da vida. Muitas produções (se não, todas) trabalham com as cores para transmitir sensações, criar atmosferas, definir a personalidade de uma personagem, de forma que o espectador entenda a narrativa de outra forma além do que é passado diretamente através do roteiro. A pesquisadora Eva Heller explica que:

As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo,

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Unemat, email: [perez\\_igor@outlook.com](mailto:perez_igor@outlook.com).

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unemat, email: [ulisflavio.o@gmail.com](mailto:ulisflavio.o@gmail.com)

para negar ou afirmar, para se abster ou agir. Muitas preferências sobre as cores se baseiam em associações ou experiências agradáveis tidas no passado e, portanto, torna-se difícil mudar as preferências sobre as mesmas. (HELLER, 2013, p.93).

Assim sendo, essas associações e experiências somadas cria um *know-how* inconsciente sobre as sensações e significados difusos sobre as cores. É inegável que a experiência pode variar de pessoa para pessoa, mas trabalharemos aqui com uma pesquisa quantitativa da autora, que resultou em padrões para cada cor e combinações.

Escolheu-se *Hotel Chevalier*, curta-metragem dirigido por Wes Anderson, para esta análise, pois entende-se que esta obra se apresenta como relevante dentro do cenário de estudo de cores para compreensão de uma obra audiovisual, fazendo com que os diálogos se tornem secundários na compreensão da narrativa. Conseqüentemente, o filme se encaixa no estudo semiótico de Lúcia Santaella, que em seu livro *O que é semiótica* considera que toda e qualquer prática ou atividade social constituem-se como práticas significantes, ou seja, práticas de produção de linguagem e de sentido, que no caso deste estudo, esta linguagem se dá através das cores e dos objetos. A questão da semiótica tem importância aqui, pois, na concepção na análise, filmes que dialogam com o espectador sem a necessidade de linguagem verbal, devem ser estudados por nos mostrarem características que fazem a obra ser comunicativa.

O curta narra algumas horas do personagem Jack Whitman em um quarto de hotel em Paris e a chegada de surpresa da sua ex-namorada. A melancolia no desenrolar da estória é perceptível através dos diálogos e elementos que ajudam na imersão do espectador na obra, a fim de decifrar o motivo que desencadeou os sentimentos da personagem no filme *Viagem a Darjeeling*.

### **As cores e o cenário**

É preciso considerar que se trata de um filme que abordará logo de início o desenvolvimento da trama, deixando na imaginação do público o que teria acontecido antes, e o depois. O prólogo inicia com a personagem deitada em sua cama, e ao fundo é visto a desorganização do quarto; mesmo que não mencionado de imediato, conclui-se que Jack está no lugar há muito tempo. Após receber a ligação de uma voz feminina, a personagem se apressa para organizar o lugar, trocar de roupa e escolher uma música para a chegada da segunda personagem – ao que parece, importante para ambos. Ao

ouvir um bater na porta, Jack inicia a música e abre a porta, revelando a segunda personagem.

Dado o imaginativo da finesse de Paris, o comprometimento do espectador com a estória de é certa. Há opulência desde o saguão do hotel, a iluminação amarelo ouro, até o figurino das personagens principais e dos funcionários do hotel. Nada falta na construção do cenário: abundância de espelhos, longas cortinas pálidas, móveis rústicos e arquitetura francesa clássica. O filme transita em alguns tons de amarelo, fazendo com que os sentimentos com a mesma oscilem. Isso porque a cor é extremamente instável:

[...] uma pitada de vermelho transforma o amarelo em laranja, uma pitada de azul e ela se torna verde, um tantinho de preto e obtemos uma cor suja e opaca [...] O amarelo é a cor do otimismo – mas também da irritação, da hipocrisia e da inveja. Ele é a cor da iluminação, do entendimento; mas é também a cor dos desprezados e dos traidores. É assim, extremamente ambígua, a cor amarela. (HELLER, 2013, p.152)



Figura 1 e 2: Na cena, o amarelo, com notas de laranja e vermelho representam a cor da recreação. Nota-se a personagem em um momento de lazer.





Figura 3: A chegada da mulher traz consigo indício de mudança da narrativa com as cores preto, cinza e marrom.



Na figura 1, as cores que remetem ao momento lúdico de Jack se traduzem sem a necessidade de locução ou fala da personagem. O amarelo por si só, remete através da experiência compartilhada, ao sol, ele age de forma alegre. Mas para que essa alegria atue com mais veemência:

(...) ele precisa sempre da companhia do vermelho e do laranja. Amarelo-laranja-vermelho é o tríplice acorde típico do prazer e de tudo que o cerca: ele é o acorde → da alegria de viver, → da atividade, → da energia → da animação clamorosa. (HELLER, 2013, p.153).

A mudança no contexto do filme fica evidente mesmo com a ausência de aprofundamento no diálogo entre as personagens. Na Figura 3, o abrir da porta revela uma personagem de grande valor emocional para Jack. Ao analisar a cena, a primeira cor que vemos, devido a centralização da personagem, é a cor preto, seguido do cinza e marrom. Segundo Heller, tal combinação se manifesta como conservador, que é avesso a mudanças. Assim sendo, quando nos deparamos com as personagens uma de frente para outra e a combinação destas cores, conclui-se que existiu o término de algo, porém certo apego à história que tiveram juntos. A riqueza imagética das cenas acima, por si só fazem com que o público compre a história de amor.

Posteriormente à cena acima, a personagem da mulher caminha pelo quarto observando os objetos e para em frente a um aparador, onde vira um objeto para o

espectador e, em seguida, gira a manivela de uma caixinha de música; neste momento a personagem revela uma risada sutil e olha – ao que parece – para Jack.



*Figura 4: Personagem centralizada junto com a cor branca.*

Conforme Heller, a cor branca representa a cor do bem e da perfeição, e podemos observar isso através das divindades e sua simbologia:

Branco é a cor dos deuses: Zeus apareceu para Europa como um touro branco, para Leda ele apareceu como um cisne branco. O Espírito Santo se mostra como uma pomba branca. Cristo é o cordeiro branco. O unicórnio branco é o animal símbolo da Virgem Maria. E os anjos na maioria das vezes são pintados vestindo branco e com asas brancas. Os demônios, ao contrário, têm asas pretas – em sua maioria são asas de morcego. (HELLER, 2013, p.277).

Contudo, um olhar precipitado sem qualquer análise nas figuras 4, 5 e 6 não revela grande proeminência na cor branca, apenas em pontos específicos. A cor, assim como a mulher, está sempre no centro da imagem e envolto a ela, que a medida em que explora o ambiente, a cor tende a ressaltar. Visto acima que a chegada da personagem trouxe consigo uma paleta de cores escuras por conta de sentimentos confusos, agora, ao passo que a mulher observa o lugar, a lembrança de algo que um dia tiveram juntos volta a ressoar com a cor branca, isso porque: “Quanto mais puro o branco, mais perfeito ele é. Qualquer acréscimo só virá reduzir a perfeição.” (HELLER, 2013, p.278)



Portanto, a cor branca neste caso carrega consigo lembranças positivas da mulher para Jack, e a medida em que ela caminha pelo quarto, a cor tende a expandir em volta da personagem, acentuando sua perfeição. Essa expansão é notável na figura 5, e na figura 6 o branco ao fundo da mulher encontra-se mais aceso, puro, até que se inicia um novo diálogo.



Figura 5: Momento onde se percebe a expansão da cor branca.



Figura 6: Branco mais luminoso ao fundo da personagem.

Após a cena acima, a mulher rompe o silêncio questionando Jack sobre o motivo d'ele estar ali, o tempo de sua estadia no hotel, o valor, e termina dizendo que irá partir no dia seguinte. Visivelmente descontente, Jack coloca a mão no bolso de seu paletó e retira um tablete de chocolate, observa-o e devora.



Figura 7: A cor marrom ligada à ideia de conforto, adaptação.

Com a notícia da mulher e o visível descontentamento nas feições de Jack, aqui, a cor marrom predominante na cena se apresenta como um artifício de segurança e de aconchego. O marrom subtrai qualquer cor junta a ele, exime sua individualidade, e isso fica claro na imagem acima. O fundo desfocado da cena é uma mala laranja, porém, a pouca iluminação e o toque de marrom na embalagem do chocolate a transforma em outro tom da mesma cor. O uso da cor na cena é compreendido como forma da personagem se conformar com a situação, adaptar-se a ela, pois: “[...]o marrom é a cor de tudo que é sem personalidade, pequeno-burguês, sem imaginação, monótono e sem encanto. [...] Os que usam marrom não querem aparecer, e sim se adaptar.” (HELLER, 2013 p.477).

Dando sequência a estória, um funcionário do hotel bate à porta, adentra a cena deixando a refeição pedida por Jack, e assim que fecha a porta a mulher avança sobre Jack com um beijo caloroso e vão em direção a cama. No decurso de despi-la, o corpo da mulher revela marcas nas pernas e braços, e arisca-se na investida de Jack de querer saber do que se trata. Na cena, fica evidente que houve um desarranjo no relacionamento do casal quando a mulher se desculpa com Jack por tê-lo magoado e, completa justificando que não fora proposital. Após estar inteiramente desnuda, a mulher deita envolta nos braços de Jack, que lhe pergunta se ela quer ver a vista de Paris do quarto dele.



Figura 8: Técnica de compensação para direcionar o olhar do espectador.

Analisemos a imagem acima a partir da função da luz na cena. Neste dado momento do filme, a ausência de diálogo entre as personagens não interfere na compreensão da narrativa, isso porque a luz por si só “conversa” com o observador. Vê-se claramente que Jack olha a marca no braço da mulher com ar de surpresa, e ela, igualmente, ao perceber que ele a vê. O entendimento da cena só é claro pois fora utilizada a técnica de compensação da luz, onde o fotógrafo evidencia pontos da cena em que o espectador deve colocar sua atenção, como os olhos de Jack na direção da marca, os dedos tocando o braço da mulher e a parte lateral do rosto dela direcionando seu olhar para ele. Em seu livro, Edgar Moura elucida a técnica de compensação da seguinte forma:

“O fotógrafo não cria o espectador; só cria a luz. [...]O fotógrafo vai ter que manter a mente alerta para essa limitação e sempre lembrar-se de que o que ele não iluminar ficará no escuro. A sombra, inclusive.” (MOURA, 2001, p.36)

Assim, tal técnica usada na imagem tende a evidenciar ao observador o que é importante na cena, direcionando a luz para os pontos que deva chamar a atenção e deixando mais escuro o que é dispensável.

Seguindo, Jack envolve a mulher em seu roupão amarelo - visto primeiramente no início do curta-metragem – e a guia até a sacada de seu quarto, onde posteriormente é revelada a paisagem de Paris vista de seu aposento.





Figura 9: Mudança na paleta de cores. Agora, predominantemente azul.

O momento em que o casal revela a sacada do quarto para o espectador, a paleta de cores do filme muda completamente, ela passa do calor das cores amarelo, vermelho e laranja para a frieza dos diversos tons de azul. Na figura 10, vemos a vastidão da cidade em comparação com as personagens dispostas no canto inferior direito da imagem, isso porquê as cores auxiliam na ilusão de perspectiva “[...] uma cor parecerá tanto mais próxima quanto mais quente ela for; e tanto mais distante, quanto mais fria for.” (HELLER, 2013, p.48).

De acordo com a análise feita até aqui, sabemos que existe interesse mútuo das personagens em ficarem juntas, mas que no dia seguinte a mulher seguiria seu caminho, deixando Jack à deriva. O azul, segunda a pesquisa de Eva Heller, coincide também com a ideia da fantasia, é a cor de todos os anseios cujas realizações mantêm-se distantes, daí a ligação da cor azul com outro sentido de distância, não sendo mais a de perspectiva, e sim do inalcançável. O olhar minucioso na figura acima revela a combinação das cores azul, laranja e violeta, que: “[...]está simbolizado o lado irreal da fantasia – o fantástico. Laranja, como a terceira cor da fantasia, simboliza o prazer das ideias malucas. Azul-violeta-laranja, é esse o acorde da fantasia.” (HELLER, 2013, p. 52).

Inerente à ideia do inalcançável, mas partindo para o ramo da semiótica, analisemos também o signo que a imagem nos revela. Raramente um signo vai se comportar da mesma maneira em situações diferentes, mas aqui, o contexto do curta-metragem auxilia no entendimento da função do signo na cena, carregando consigo o

poder da representação de algo. Ele nunca é só um objeto, palavra ou imagem, o signo apenas assume o lugar do objeto, assim:

[...] ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. [...]o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo ou quase-signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo. (HELLER, 2013, p. 12).

Entre Jack e a mulher, bem ao meio, destaca-se um faixa de luzes de natal. A função deste signo na cena traduz-se como sendo a separação das personagens após o término do filme, o caminho apostado que cada um irá seguir. Assim sendo, a partir da análise das cores na imagem e o signo presente, se presume que a relação que ambos almeja, mas que sabem que esta é inatingível, chegará ao fim com a partida da mulher no dia seguinte.

Revelado o desfecho da estória do casal, a câmera nos surpreende ao revelar a paisagem que Jack mostrara a mulher: um vasto prédio que aparentemente era a única visão dele sobre Paris. A simetria da Figura 10 destaca a cor amarela presente no centro da cena, fazendo com que percebamos esta instantaneamente, logo, a análise partirá desta cor. Após a série de fatos sobre o relacionamento conturbado que o filme mostra, o casal termina com ambos sobre a sacada do quarto de hotel sobre uma atmosfera mais amena, onde se percebe o encanto que um tem para com o outro. O amarelo da janela do prédio vista por Jack, propões um desfecho ameno, leve, livre dos problemas que tinham antes, e de certa forma, bonito para o casal.

Como cor da luz, o amarelo se relaciona ao branco. “Luz” e “leve” são propriedades que contêm o mesmo caráter. O amarelo é a mais clara e a mais leve das cores cromáticas. Seu efeito é leve, pois parece vir de cima. Um quarto com o teto amarelo tem um efeito agradável, como se estivesse inundado por luz solar. Também a luz de uma lâmpada parece amarela; quanto mais amarela, mais natural e bonita. (HELLER, p.155, 2013).



Figura 10: Simetria da cena evidenciando a cor amarela

### Considerações finais

Observando a relevância das cores em produções audiovisuais, procuramos interpretar o modo como estas podem contribuir para o entendimento da narrativa do filme *Hotel Chavalier*, analisando os grandes momentos do curta-metragem.

Concluimos então, ao longo da pesquisa, que as cores operam de forma silenciosa, mas de importância e autonomia suficientes para construir uma narrativa isenta de diálogos. Como mostra a análise, ela vai além da estética da obra, criando atmosferas, construindo personagens e estimulando emoções e sentimentos no espectador, fazendo com que saia da percepção superficial que se tem das cores, e penetre na esfera dos significados.

### Referências bibliográficas

HELLER, Eva [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]; **A psicologia das cores : como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo , 2013.

MOURA, Edgar Peixoto. **50 anos luz, câmera e ação**, 2ª ed. — São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**; Coleção Primeiros passos, Editora Brasiliense, 1983.